



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

POR

LAURA CHAVES

Ouviu-se um grande barulho,
um grãozinho rebolou,
e, de dentro, Dom Gorgulho
por terra se estatelou.

— Ai! Ai! Ai! — gritava êle —
Tenho uma perna partida,
tôda esfolada, sem pele,
— que há-de ser da minha vida!

De que me serve ser rico,
ter uma saca de grão,
do famoso grão de bico,
se para aqui estou no chão,

sem me poder levantar,
nesta situação tão dura!
A quem me venha salvar
eu pagarei sem usura. —

Uma menina Joaninha,
que tinha bom coração,
logo dele se avizinha
e cheia de compaixão,

com muito bonitas falas
e com cuidados de mãe,
meteu-lhe a perninha em talas
e tratou-o muito bem.

Depois, pô-lo numa maca
e, com quatro formigões,
lá o levou para a saca
para ao pé dos seus milhões.

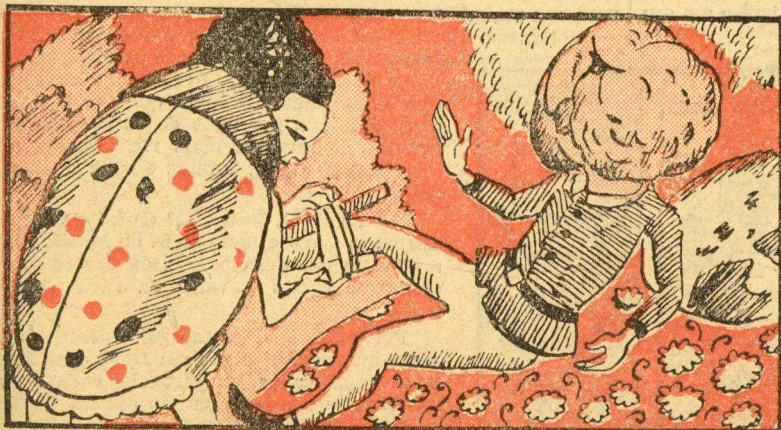
Uma vez ali chegado,
à riqueza do seu lar,
preguntou, enfatuado,
quanto tinha que pagar.



Que êsse gorgulho cascudo
julgava em sua vaidade,
que o dinheiro paga tudo,
até mesmo a caridade.

E ficou muito espantado
quando ouviu a Joaninha
responder em tom magoado:
— Como a tua alma é mesquinha!

Crê, não é ideia vaga:
há muita coisa na vida
que sentida não é paga
e paga não é sentida.



F I M

LIÇÃO de AMOR PÁTRIO

Por MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

(Aos lusitos da Mocidade Portuguesa)

O Pedrinho tem 7 anos e já anda no Colégio onde frequenta a primeira classe. E' um menino inteligente e estudioso, obediente a seus pais e muito respeitador dos seus professores mas é, também, um tanto irrequieto e não gosta que o contrariem nas suas opiniões.

Todos os dias, depois das aulas, éle passa por minha casa para que eu lhe explique as operações rudimentares da aritmética.

Ontem, entrou-me pela casa dentro, como um furacão e, depois de ter arremecado os livros para cima da mesa, foi-se sentar a um canto com um semblante muito sombrio.

— «Então, Pedrinho, que propósitos são esses? Que lhe aconteceu?» perguntei, um pouco admirado.

— «Ora, não foi nada...»

— «Alguma coisa foi... Vejo-o tão zangado.»

— «E' que estou enfurecido com o Paulo. — (O Paulo é um menino francês que frequenta o mesmo Colégio do Pedrinho) — Ele afirmou-me que a França era maior que Portugal e tinha uma história mais bonita.»

— «E por causa disso faz tanto barulho?»

— «Pois claro que faço. Não sei o que sinto, mas tenho vontade de bater no Paulo só porque a terra dele é maior do que a minha.»

— «Ouça, Pedrinho; isso é ser invejoso, o que é muito feio. Nós devemos orgulhar-nos daquilo que possuímos, sem o comparar com o que os outros possuem.»

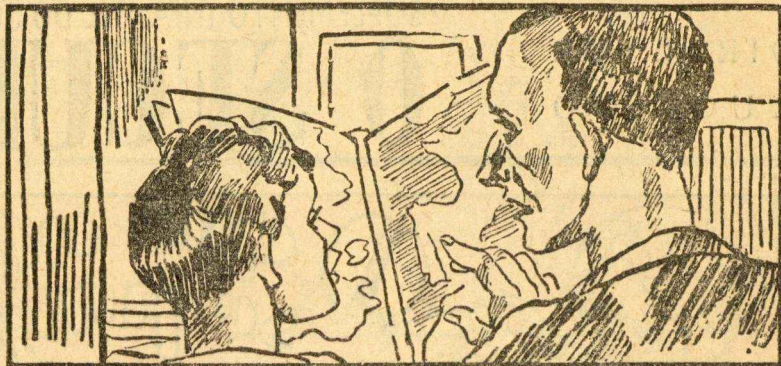
Eu poderia dizer-lhe que Portugal é, assim, pequenino para que possa caber bem dentro do nosso coração, como o disse um bom português. Mas quero, antes, mostrar-lhe que a nossa terra não é tão pequena como parece e tem uma história muito bonita.

Quere vêr Pedrinho?»

Ele aproximou-se, com os olhos muito brilhantes, fitando-me com atenção.

Abri um atlas, mapa-mundo, e apontei-lhe um retângulozinho no extremo ocidental da Europa.

— Este pedacito de côr verde, é Portugal. É verdade que é muito mais pequeno que a França, mas, nestes 89.000 quilómetros quadrados que Portugal mede de superfície, vive um povo forte e privilegiado que tem mostrado ao mundo quanto vale a sua força de vontade, o seu trabalho e o seu patriotismo.



Mas Portugal não é só este pedacito, encrustado na Península Ibérica. Tem mais territórios espalhados por todo o mundo.

Ora veja, Pedrinho: aqui tem, espalhadas em pleno Oceano Atlântico, as suas ilhas adjacentes ou sejam os arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Depois das ilhas adjacentes, ainda contamos com um grande Império Colonial. Aqui, fica a primeira colônia na costa africana: — a Guiné. Mais abaixo o arquipélago de Cabo Verde. No golfo da Guiné: — as ilhas de S. Tomé e de Príncipe.

Aqui, tem a Angola, na costa ocidental da África. E, sem dúvida, a colônia de maior superfície que possuímos, assim como Moçambique, na contra-costa, é a mais adiantada das possessões portuguesas. Na Índia, ainda possuímos os territórios de Goa, Damão e Diu.

E, finalmente, nos confins do mundo, temos no Oceano Pacífico, a ilha de Timór e na costa da China a península de Macau, cuja cidade é a terceira classificada em Portugal.»

— «Eia, pai! Isso é tudo português? Perguntou, admirado, o Pedrinho.

— «Sim, Pedrinho. Podemos afirmar, com orgulho, que o sol nunca se esconde no grandioso Império Português.»

Nós temos um governo formado por gente portuguesa e governamo-nos por leis próprias. Somos, portanto, uma Nação independente com um grande Império Colonial.

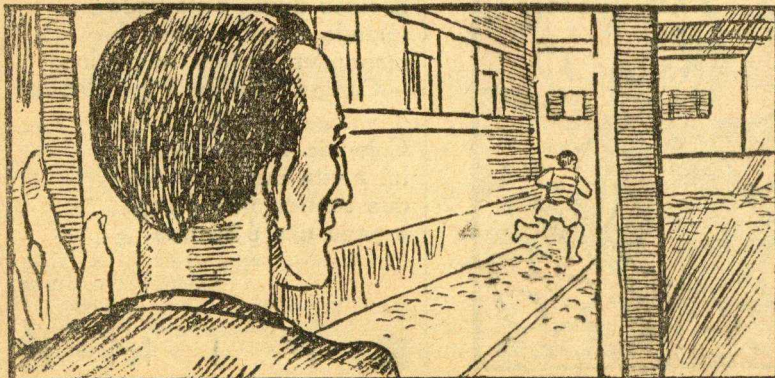
Veja, agora, este grande pedaço de mapa colorido de amarelo. Sabe o que é? Não?! É o Brasil, uma terra descoberta pelos portugueses e por portugueses civilisada. Foi Portugal que educou este grande povo e, hoje, o Brasil é uma das mais prósperas e civilisadas Nações.»

— «Então, Portugal é como se fosse pai do Brasil?» perguntou, ingenuamente, o petiz.

— «Exactamente, Pedrinho. Portugal tem uma língua própria que em toda a terra é falada por mais de 60 milhões de pessoas. É uma das mais ricas linguas e teve, e tem ainda, muitos e bons cultivadores.

E a História, Pedrinho? Quási que ousou afirmá-lo que é a mais linda do Mundo. Só a epopeia dos descobrimentos mostra bem quanto é capaz o valor da raça portuguesa.

Foi admirável a coragem desses homens que, com os olhos em Deus e na Pátria, embarcados em frágeis caravelas, sulcavam os «mares nunca dantes navegados», coalhados de perigos e iam levar,



A C O T A

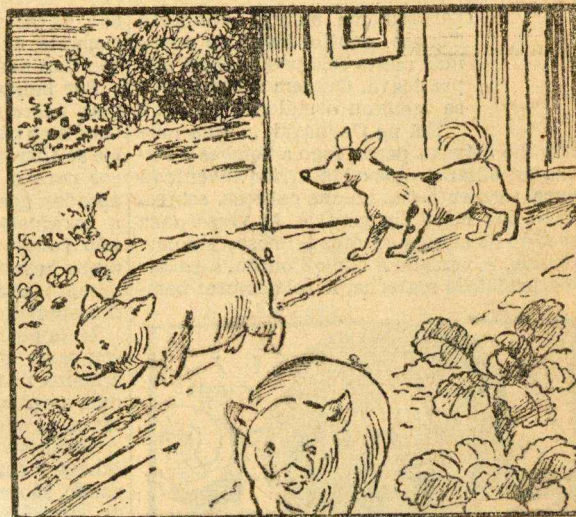
Por MARIA ISABEL CORREA

ERA a Cota uma linda cadelinha, dedicada, aos amos e aos filhos, a mais não poder ser. Era sempre chamada para tudo e, cheia de boa vontade, acudia para bem servir os amos.

— «Cota, bochechinha», olha as galinhas na sementeira!...» E ela lá ia espantá-las conscienciosamente. Não raro trazia alguma pena na bôca mas não passava daí o dano nos galináceos confiados. — «Cota, olha os bacoritos na horta!» e ela lá corria, solerte, a afastá-los.

A porta não passava ninguém sem que ela desse sinal. Com os gatos da casa, vivia na melhor harmonia, com grande pasmo das visitas, costumadas a ouvirem falar na tradicional guerra entre o cão e o gato. Até — (pasmese!) — deixava que o «Pilette»

e o «Tareco» se lhe amezendassem no lombo, quando, deitada na varanda, regaladinha ao sol, dormia a sua soneca, pois ela passa-



va as noites de vela, a guardar a casa dos donos.

A hora da comida é que, às vezes, havia desordem. Quando o «Ardil», um cânzarrão enorme, se metia na dança, armava-se ali um sarilho de ensurdecer, ao qual só a cozinheira, com uma boa vergasta, punha têrmo. Era ela sempre o árbitro da paz. Punha cada um nos respectivos lugares e só se ouviam os assôpros do «Pilette» ainda arrufado.

Fôra da hora da comida, reinava entre êles a maior concordância. Ora sucedeu à Cota certa aventura, que a tornou uma heroína, crêdora da maior admiração e estima, fazendo derramar à dona lágrimas de remorso, por tersido a caçadora

(Continua na página 7)



a terras distantes e desconhecidas, as quinas, a fé cristã e a civilização de Portugal.

Foram os portugueses que descobriram quasi tôda a terra. Foram êles que, até hoje, possuiram o maior império do mundo.»

Calei-me por alguns momentos. Olhando para Pedrinho, vi-lhe lágrimas nos olhos azuis. O pequeno chorava de orgulho.

— «Viu, Pedrinho, como Portugal não é um país pequeno. A sua Pátria é a maior e a mais bela das pátrias. Diga-me se não tem orgulho de ser português?»

— «Tenho e bastante...»

— «E ainda sente vontade de bater no Paulo só porque a França é maior que Portugal territorial?»

Ele não respondeu. Levantou-se e, pegando no barrete a marinheiro, preparou-se para sair.

— «Onde vai, Pedrinho... então a arimética?...»

— «Fica para amanhã. Agora, vou repetir ao Paulo tudo aquilo que me contou. Quero vêr a cara que êle faz; até vai ficar amarelo...»

E, antes que eu o impedisse, desceu a escada, quatro a quatro. Quando me cheguei à janela, vi-o correr pela rua abaixo e desaparecer na esquina.

As maldades do Toneca

POR ISOLDINA

CONHECI um menino, chamado Toneca, muito lindo de rosto mas muito feio pelas acções que praticava. Querem saber de que se lembrou o maldoso Toneca?

Foi no Carnaval... Sua mãe não lhe deixava pegar fogo a bombas e coisas semelhantes que o Mafarrico inventava para tormento das nossas cabeças, sobressalto das mães em geral e, às vezes, para castigo de alguns garotos teimosos, em particular. A verdade é que o Toneca, apesar da proibição materna, lá foi comprar bom-

bas, às escondidas, com uns tostões ardilosamente apanhados ao bom do avôzinho, que lhos dera para rebuçados.

Por baixo da sua casa, costumava estar uma pobre mulher assando castanhas que vendia ao público, com a qual, algumas vezes, êle se entretinha atirando pedritas ou carcos para o cesto, onde ela as guardava já assadas, gostando de ver a mulher arreliada, a barafustar contra o engraçado, que ela não conseguia descobrir, por se esconder muito bem. Sua mãe saíra, naquele dia, com umas visitas, de automóvel, e êle ficara desesperado por não ir também.

Mais aborrecido e pior do que nunca, jurou fazer uma maldade maior; e, visto que a mamã não queria que êle deitasse bombas nem pegasse em lume, êle se divertiria à farta, para se vingar.

Arranjou um morrão de pano e pôs-se à janela, a atirar bombas que iam cair, estoiçando, sobre a pobre mulher que, apanhada de surpresa, se levantou espavorida, deitando a terra o fogareiro e espalhando as castanhas todas pela rua.

Desta vez não se escondeu, o maroto; esqueceu-se a contemplar a sua obra.

Os transeuntes não ligaram importância ao espectáculo; mas o rapazio da vizinhança surgiu como por encanto, (um verdadeiro enxame) correndo sobre as castanhas, rindo, a bandeiras despregadas, do desastre, como todos os que não têm coração se riem do mal alheio.

O Toneca ria, também, satisfeito, não



escondendo a sua alegria. Mas, ai... o que era aquilo que lhe fazia doer tanto?!
— «Ai! ai! ai! a minha barriguinha! que estou a arder!»

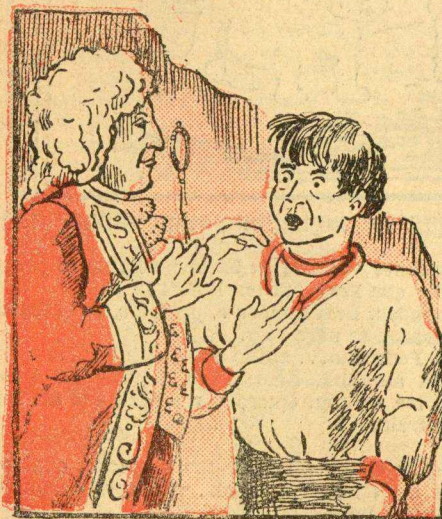
As criadas acudiram alvoroçadas, julgando que havia fogo na casa. Mas não eram, apenas, as calças do Toneca, de onde saía fumo em quantidade, por êle ter metido o morrão acêso no bolso, distraído cor-

(Continua na página 8)



ANEDOTA

POR MARIA DINIZ MARTIN



— O Marquês de Pombal, foi visitar
Um dia, um hospital de alienados:
Só para avaliar, verificar
Se eram doidos aqueles internados.

Diz-lhe um deles, de aspecto mui sereno.
— «Internaram-me cá por malvadez;
Não soffro de loucura!... Eu enveneno,
Aqui, meu coração, Senhor Marquês?...»

— «Pois bem; eu do seu caso vou tratar;
(Lhe diz, à despedida) Faz-me dó...
E creia que devéras o lamento...» —

— «Senhor Marquês!... Espere, eu vou cantar...
De galo... quer ouvir?... Có-có-ré...
cô!...
«Volve o Marquês: — «Cantaste muito tempo!»

F

I

M

ROSÁRIO

Por MARIA DE JESUS DOS SANTOS

Aos meus sobrinhos Orlando, Máxim e Tinho, para que conservem sempre a devoção a Nossa Senhora.

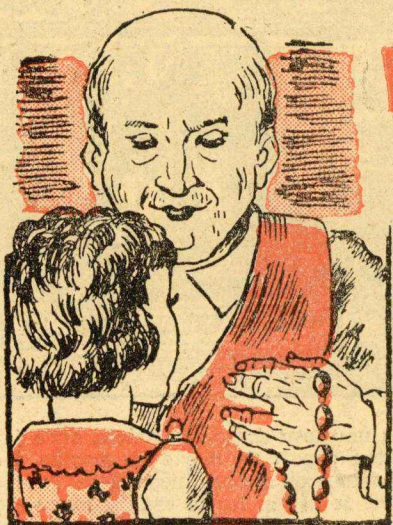
Ao regressar da Capela,
Depois de curta oração,
«Nanda» perdeu o tercinho
Que lhe dera o avôzinho
No dia da Comunhão.

E foi tal o seu desgosto,
Foi tão grande a sua dôr,
Que o seu rosto juvenil
Perdeu logo a rósea côr.

Pois, na verdade, não fôra
A lembrança mais querida
Dêsse dia tão solene,
Tão feliz da sua vida?!...
Do avôzinho tão qu'rido,
Que, cheio de comoção,
Lhe dissera enternecido:

— «Nandinha... sê sempre boa
E promete, nesta hora,
De todo o teu coração,
Fazer a Nossa Senhora
O rosário; devoção.
Que a Virgem mesmo ensinou
A Domingos de Gusmão.
Por êle tudo se alcança,
— Oração por excelência!
Até nos casos sem esperança...
Disso tenho a experiência».

Ao recordar isto, «Nanda»
Corre à Capela da Guia,

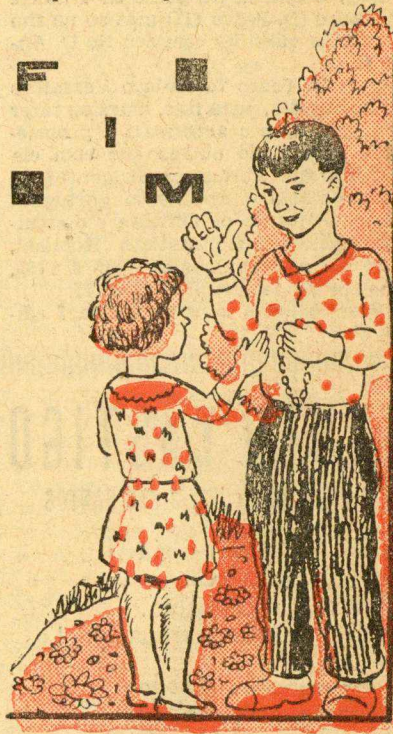


E o seu rosto angelical
Parece que se alumia!...
E baixinho vai rezando,
Pelos dedinhos contando,
Padre-Nosso... Avé-Maria...
Ao terminar a Oração,
Volta a casa; e no caminho
Encontra certo zagal
Que lhe diz: — «Olhe o tercinho
Que eu achei no roseiral!...»

Então, Nandinha bondosa,
Num rasgo de gratidão,
Aperta a mão ao pastor

E dar-lhe promete, então,
Uma jaqueta — um primor!

Em seguida, olhando os Céus,
Numa doçura infinita,
Exclamou: — «O' Mãe de Deus!
Sê para sempre bendita!»



CONCURSOS MENSAIS

Reunido, novamente, o Júri para apreciação das provas relativas à última série dos nossos «Concursos mensais de Contos e Poemas infantis» resolveu conferir:

Primeiras Menções honrosas:

do conto:
Lição de Amor Pátrio — de Manuel da Silva Rocha
Felgueiras — e às poesias:
O Rosário — de Maria de Jesus dos Santos e A Lealdade
de Egas Moniz — de Maria Diniz Martins em igualdade
de mérito.

Segundas menções honrosas:

Aos contos:
As maldades do Toneca — de Isoldina e A Cota — de
Maria Isabel Correia — e às poesias:
Justo Castigo — de Maria de Jesus dos Santos e A filha
do caseiro — de Maria Diniz Martins e ainda:

Menções honrosas sem distinção:

Aos contos: — Nobre exemplo de Amor filial — de An-
tônio José de Almeida — A Verdade sabe-se sempre — de
Idalina Carvalho Rodrigues e à poesia Caridade, de Maria
de Jesus dos Santos.

REFERENCIA AUXILIAR

Data este palácio de meados do século XVII, cujo primeiro edificio pertenceu aos marqueses de Castelo Rodrigo. Estes, porém, perderam, com o tempo, o direito ao palácio e quinta, por serem considerados traidores à Pátria.

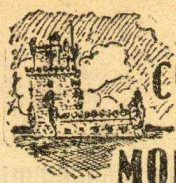
Mais tarde, beneficiado por alvará de 11 de Agosto de 1654, entrou na posse do Infante D. Pedro, que foi depois D. Pedro II de Portugal.

Pela morte deste soberano, passou a Casa do Infantado, nome porque era designada a propriedade, para a posse de D. Francisco seu segundo filho. Bastantes melhoramentos foram feitos no palácio e na quinta no tempo deste proprietário.

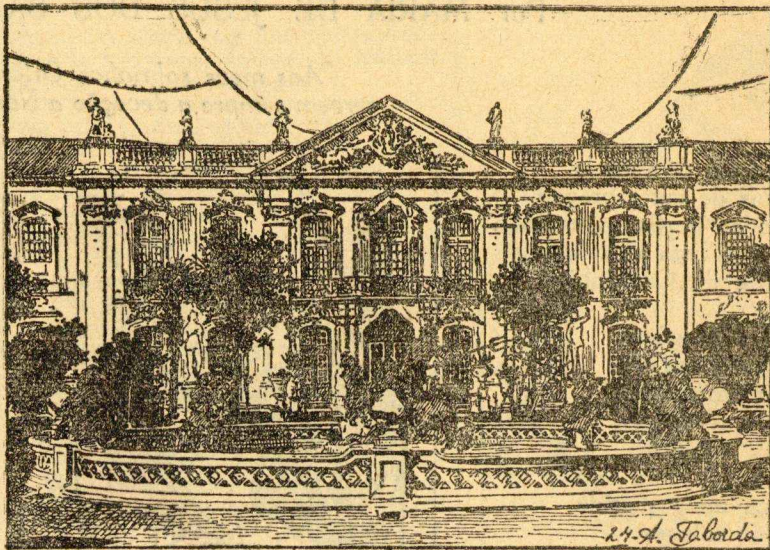
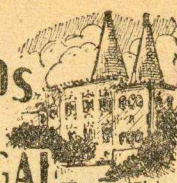
Depois entrou na posse do Infante D. Pedro (D. Pedro III) mas só no fim de várias questões com seu tio D. António.

Quis D. Pedro torná-lo o Versailles de Portugal e, para isso, mandou fazer grandes obras e aumentou a propriedade adquirindo outras que com ela confinavam. Foram os dirigentes do novo palácio o architecto português Mateus Vicente de Oliveira e o escultor francês João Batista Robillon, durante os trabalhos de 1755 a 1785, ano em que faleceu D. Pedro III.

Passados oito anos D. Maria I edi-



CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



ficou um novo corpo do palácio, onde habitou depois da morte do marido, mas este ficou sempre incompleto.

Nele se deram festas esplendorosas

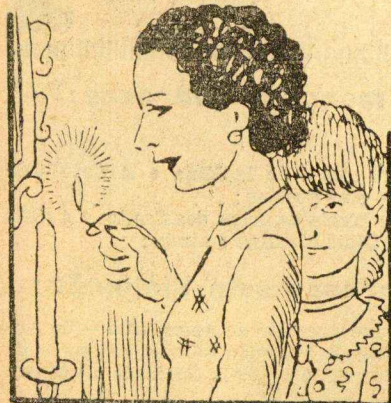
no tempo de D. Pedro III e na noite de 4 para 5 de Outubro de 1934 um grande incêndio destruiu-o quasi completamente.

JUSTO CASTIGO

Por MARIA de JESUS dos SANTOS

A Bi, em casa, dizia
Da aula ser a primeira,
Contudo, nada sabia.
— O' que grande trapaceira!

Certa manhã, acordou
Bastante sobressaltada
Porque não mais se lembrou
De estudar a taboada.



Veste-se, então, numa «aragem»
Indo, pouco prazenteira,
Dizer que tem de passagem
Exame para a terceira.

Pede, nisto, à mamãzinha
Que uma luz vá acender
A' Virgem sua madrinha
Para ela a proteger.

Em seguida, com fervor,
Com sincera devoção,
Rezou, pedindo ao Senhor
Uma linda aprovação.

Sua mãe, já informada,
De toda aquela preguiça,
Diz-lhe: — «Fica descansada
Que Jesus fará justiça».

Vai, alegre e descuidada,
A nossa Bi preguiçosa
Nas orações confiada...
Ai, como é tola a vaidosa!

... ..
Já tarde, findam na escola
Os exames; tudo ri,
Tudo pula, joga a bola,
Sòmente Bi não sorri,

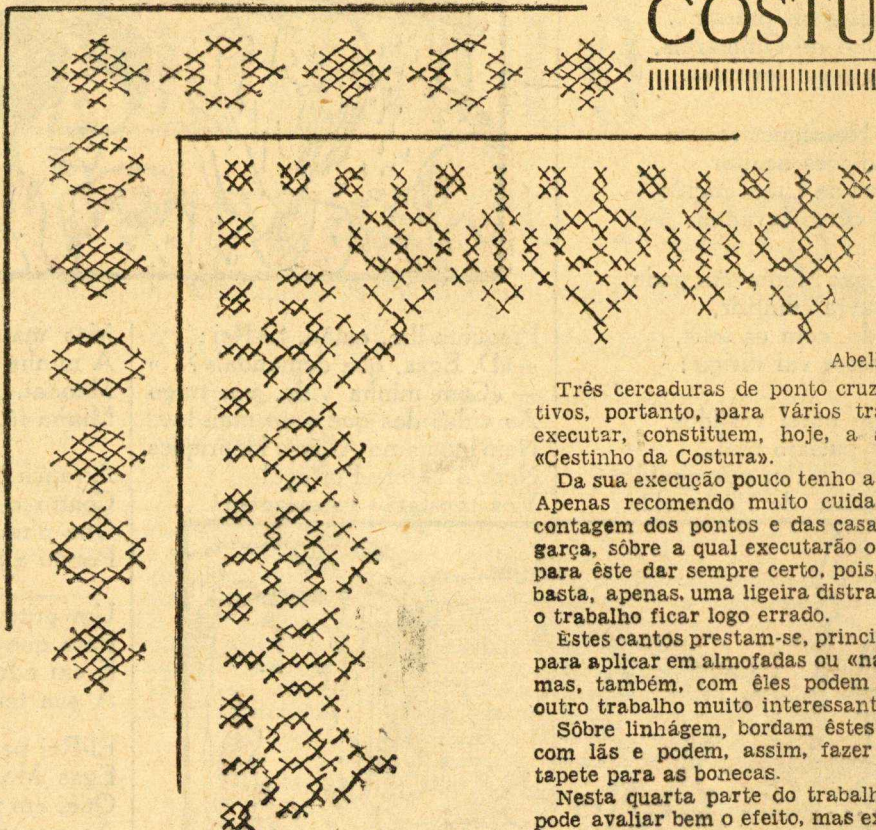
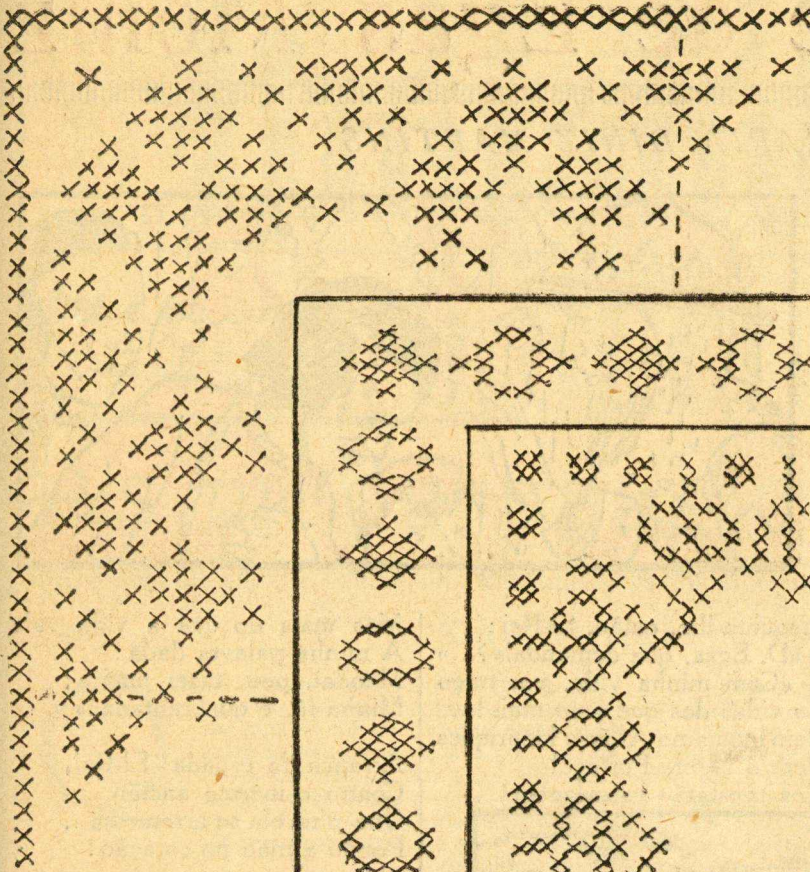


Chora agora envergonhada,
Encostada à negra-lousa,
E já volta, acompanhada
Com uma enorme raposa.

Ao vê-la em pranto banhada,
Sua mãe D. Rufina
Diz-lhe com voz magoada:
— «Sirva-te a lição, menina!...»

... ..
Saiba todo o leitorzinho,
(Lá diz o velho rifão),
Que Jesus nunca proteje,
O menino mandrião.

O CESTINHO DA COSTURA



Abelhinhas:

Três cercaduras de ponto cruz, três motivos, portanto, para vários trabalhos a executar, constituem, hoje, a secção do «Cestinho da Costura».

Da sua execução pouco tenho a dizer-vos. Apenas recomendo muito cuidado com a contagem dos pontos e das casas da talagarcha, sobre a qual executarão o trabalho, para este dar sempre certo, pois, às vezes, basta, apenas, uma ligeira distracção para o trabalho ficar logo errado.

Estes cantos prestam-se, principalmente, para aplicar em almofadas ou «napperons» mas, também, com elles podem fazer um outro trabalho muito interessante.

Sobre linhagem, bordam estes desenhos com lãs e podem, assim, fazer um lindo tapete para as bonecas.

Nesta quarta parte do trabalho, não se pode avaliar bem o efeito, mas experimentem executá-lo e verão como tem razão a vossa amiguinha

Abelha Mestra

A C O T A

(Continuação da página 3)

dos martirios e trabalhos da pobre cadelinha. Era a Cota de uma fecundidade espantosa. Volta e meia, aparecia com uma ninhada de cachorritos. Ora a dona já andava farta de tanto canito. Presenteou com os filhos da Cota tôdas as pessoas conhecidas e não conhecidas, até que, certa vez, teve a malfadada idéa de mandar enterrar, no sobral fronteiro à quinta, a nova ninhada da cadelita. Não sabemos se antes ordenára que os matassem, mas o certo é que os enterraram vivos! Os servos seriam descendentes dos antigos inquisidores? Mas, fôsse como fôsse, parecia ter ficado o caso arrumado. Qual não foi, porém, o espanto e comoção de todos, quando, um belo dia, a Cota apareceu, tôda contente, com dois cachorritos atrás de si, a mostrá-los à dona!...

Tinha ido desenterrá-los á serra e, achando ainda dois vivos, lá os criou, escondidos, até que elles puderam caminhar atrás dela, quando já lhe não bastava o seu leite para os sustentar.

E a dona chorou ao ver aquela mãe irracional dar exemplos de dedicação e amor, a algumas mãis da espécie humana.



A lialdade de Egas Moniz

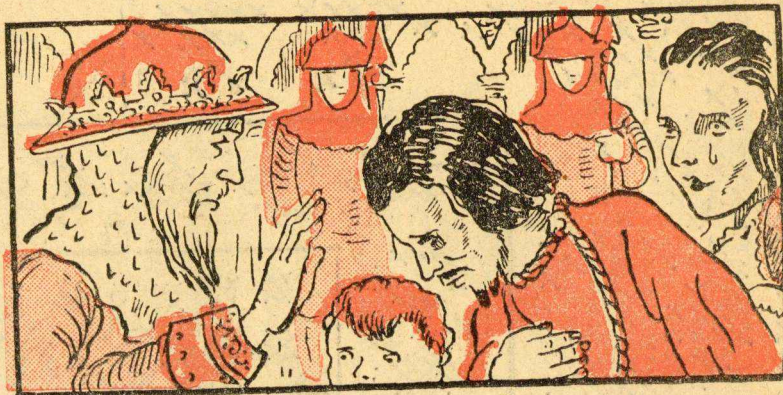
Por MARIA DINIZ MARTINS

Ao rei D. Afonso Henriques,
Cercou o rei de Lião...
Seu aio, Egas Moniz,
Aceitou a condição
De vassalagem prestar...
Se o cerco de Guimarães,
Quisesse o rei levantar.

Afonso Henriques recusa
As condições aceitar
Que o rei de Lião impôs
Para o cerco levantar.

Como Egas Moniz não pode
Sua palavra cumprir,
A Toledo, com os seus,
Seus passos vai dirigir;

Todos de burel vestidos,
Vão ao palácio real...
Chega de El-Rei aos ouvidos:
— «É gente de Portugal!»



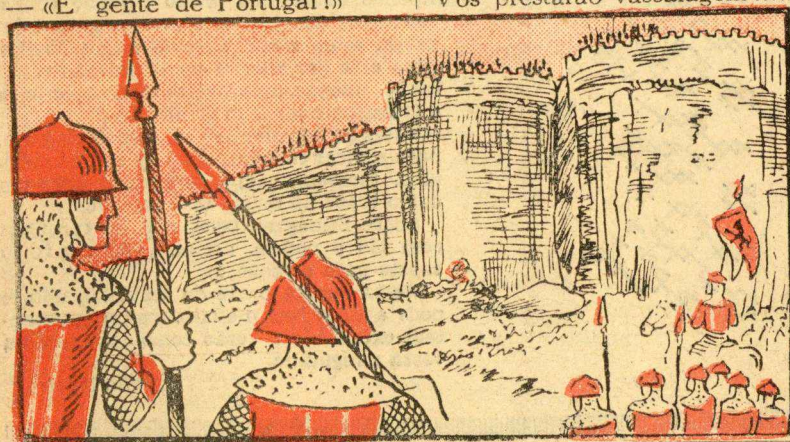
Pergunta-lhe, então, El-Rei:
— «D. Egas, que demandais?...»
— «Com minha vida, vos trago
As vidas dos que amo mais!...
Nem meu amo Afonso Henriques
Nem o Nobre Portugal
Vos prestarão vassalagem!»

Mas mais do que a vida vale
A minha palavra dada:
Mandai, pois, fazer justiça;
Minha fé, é quebrantada!»

Arranca da espada El-Rei,
Contra o inerte ancião,
Que p'ra ela se arremessa...
Pondo a mão no coração!

Um grito de espanto basta,
Para que El-Rei se detenha;
E em admiração converta
A sua terrível sanha.

El-Rei perdôa e abraça
Egas Moniz tão lial,
Que, em paz, volta com os seus,
Ao seu querido Portugal!...



■ ■ F I M ■ ■

As maldades do Toneca

(Continuação da página 4)

o entusiasmo de vêr o espectáculo por êle planeado.

Resultado: — queimára o seu lindo fati-
nho à maruja de que tanto gostava e lhe
fôra oferecido pela avôzinha, no dia dos
seus anos; obrigára sua mãe a pagar os pre-
juizos (fogareiro quebrado, um ôlho quei-
mado, castanhas comidas pelos garotos,
etc.) causados à mulherzinha das casta-
nhas e, por cima de tudo isto, — (vejam lá,
meus meninos!) — teve de passar o carna-
val de cama com uma grande queimadura
que lhe produziu bastante febre, não po-
dendo, assim, ir ao teatro nem ver brincar
o carnaval nas ruas, nem, também, vestir
o seu lindo trajo de cow-boy.

Vêem o que se lucra em ser desobe-
diente?

Concurso dos Grandes de Portugal

BREVEMENTE

A seguir ao presente Concurso dos Palácios e Monu-
mentos, iniciaremos outro não menos interessante e ins-
trutivo, que é como que o seu complemento: o Concurso
dos GRANDES DE PORTUGAL.

Calculamos, já, o entusiasmo que esta notícia irá
despertar nos nossos queridos leitorzinhos.